



Por uma leitura que não se finda - dicionários em análise: palavra, língua, discurso

For reading that is not finished - dictionaries in analysis: word, language, discourse

Marilda Aparecida Lachovski*
SEED-PR/UFSM

Maria Cláudia Teixeira**
Unicentro

Resumo: *A partir da obra “Dicionários em análise: palavra, língua, discurso”, organizada por Verli Petri, Kelly Guasso, Thaís Costa e Francine Freitas, publicada pela Pontes Editora em 2020, organizamos um trabalho de leitura sob a forma da presente resenha. No entrelaçamento da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas, os autores abordam, de modo geral, como o dicionário, compreendido como objeto discursivo, permite a produção de sentidos, historicizando o dizer e significando no discurso. A obra é resultado de discussões promovidas pelo Grupo de Estudos Pallind (Palavra Língua e Discurso), do Laboratório Corpus/PPGL/UFSM. Dividida em três partes, revela a magnitude do Grupo de Estudos Pallind no fomento às discussões sobre o dicionário, no avanço para as ciências da linguagem e na valorização do olhar perscrutador do jovem pesquisador em relação à perícia daqueles que há mais tempo se dedicam ao estudo da palavra, da língua e do discurso.*

Palavras-chave: *Língua, Discurso, Dicionário.*

Abstract: *From the work “Dictionaries under analysis: word, language, discourse”, organized by Verli Petri, Kelly Guasso, Thaís Costa and Francine Freitas, published by Pontes Editora in 2020, we organized a reading work in the form of this review. In the intertwining of Discourse Analysis and the History of Linguistic Ideas, the authors discuss, in general, how the dictionary, understood as a discursive object, allows the production of meanings, historicizing the saying and meaning in the discourse. The work is the result of discussions promoted by the Pallind Study Group (Word Language and Discourse), from the Corpus/PPGL/UFSM Laboratory. Divided in three parts, it reveals the magnitude of the Pallind Study Group in fostering discussions about the dictionary, in the advancement of language sciences and in valuing the scrutinizing gaze of the young researcher in relation to the expertise of those who have been dedicated to the study for a long time off word, language and discourse.*

Keywords: *Language, Discourse, Dictionary.*

O livro *Dicionários em análise: palavra, língua, discurso*, organizado por Verli Petri, Kelly Guasso, Thaís Costa e Francine Freitas, é *sui generis*, não só porque é temático e teoricamente determinado: aborda dicionários pela perspectiva da História das Ideias Linguística (HIL) e/ou pela Análise de Discurso (AD), mas porque é dedicado aos pesquisadores em formação, funcionando, portanto, como lugar de troca para inovação e avanço nas ciências da linguagem. Inovação e avanço porque inspira o pesquisador em formação, mais especificamente, a lançar novos olhares ao dicionário, sustentado pela AD e/ou pela HIL, tomando-o como objeto discursivo, como material histórico da língua que não diz apenas sobre o significado das palavras, mas permite flagrar movimentos na história da língua e da sociedade pelas condições de produção pelas quais esse histórico pode ser significado, não como fato datado, temporalizado, mas como historicidade, produzindo sentidos, historicizando o dizer e significando no discurso.

O conjunto de textos reunidos resultam de discussões promovidas pelo Grupo de Estudos Pallind (Palavra Língua e Discurso), do

Laboratório Corpus/PPGL/UFSM, coordenado pela Professora Dra. Verli Petri, em dois minicursos abertos ao público especializado e/ou interessado pela temática “palavra, língua e discurso”, realizados no ano de 2018. Esses eventos congregaram diferentes vozes nos estudos que envolvem a temática do dicionário e a perspectiva teórica da AD e/ou da HIL, e formaram não só um grupo de pesquisa, mas de estudos e discussões teóricas mobilizadas/construídas por alunos da graduação, de iniciação científica (ICs), mestrado e doutorado, além de professores doutores/titulares da UFSM e demais universidades que participam como convidados.

Organizada em três partes, a obra revela a magnitude do Grupo de Estudos Pallind no fomento às discussões sobre esse importante instrumento linguístico que é o dicionário, no avanço para as ciências da linguagem e na valorização do olhar perscrutador do jovem pesquisador em relação à perícia daqueles que há mais tempo se dedicam ao estudo da palavra, da língua e do discurso.

A primeira parte do livro, intitulada *Língua, História e Memória*, agrega quatro trabalhos que mobilizam os sentidos de língua, história e memória, articulados com a mídia e com as tecnologias. Em *A história e as polêmicas do/no político*, Maria Cleci Venturini inicia seu movimento de análise a partir do enunciado “A história julgará” e faz uma importante reflexão sobre a relação de sentido entre o político/política e a História, analisando o funcionamento dessas palavras em textos midiáticos que trata(ra)m dos eventos políticos no Brasil em 2014 e 2016.

Verli Petri, no texto *O que pode uma palavra? Reflexões sobre a história da palavra dicionarizada produzindo efeitos de sentidos na contemporaneidade*, estuda a história das palavras “corte” e “contingenciamento” em sete dicionários de língua portuguesa do Brasil e de Portugal e, para além deles, os efeitos de sentidos dessas palavras em cinco recortes de matérias atuais da mídia (2019 e 2020). Ao estabelecer essas relações, a autora problematiza o processo de construção de sentidos nas práticas cotidianas do sujeito e, pelo gesto de leitura empreendido, suscita reflexões em torno da polêmica gerada por ações do governo federal que restringiram a liberação de recursos para as universidades federais.

Ronaldo Adriano de Freitas e Silmara Dela Silva no texto “*A palavra mulher definida por nós*”: uma análise da campanha de

reformulação do verbete “mulher” no dicionário online Priberam, trazem significativa contribuição aos estudos da lexicografia discursiva ao analisar os sentidos da palavra *mulher* num processo de reformulação e (re) dicionarização lançado por uma campanha idealizada, em 2018, pelo *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* e o canal Fox.

Elenir Guerra traz à lume o processo de dicionarização da língua brasileira de sinais no texto intitulado *Gramatização da língua de sinais no dicionário Deit-Libras na construção dos saberes*, em que destaca as especificidades do Deit-Libras na descrição da língua de sinais e sua importância na construção dos sentidos e saberes na língua de sinais no e do Brasil, contribuindo com o avanço dos estudos em torno da língua brasileira de sinais e seu processo de gramatização.

A segunda parte da obra, *Sentidos em movimento*, foca nos efeitos de sentido das palavras em movimento. No texto de abertura, *Juventude: um efeito da palavra ou uma palavra de efeito?*, Francine Rocha de Freitas, Lucas Martins Flores e Thais Costa da Silva recorrem ao funcionamento teórico e metodológico do “efeito palavra-puxa-palavra” para mostrar as redes de memórias, de polêmicas e de sentidos outros para os verbetes *jovem*, *adolescente*, *juventude do campo*, elegendo como *corpus* de análise três dicionários publicados em condições de produção distintas. Logo, para os autores, há pontos de intersecção entre essas palavras e, por outro lado, cada palavra constrói redes de memórias distintas, causando polêmica dos sentidos: dentro e fora dos dicionários – é o funcionamento do político, de e para sujeitos.

Natiele Luiza Branco, no texto intitulado *A contrastividade em dicionários de língua espanhola: algumas considerações*, estuda o texto introdutório e verbetes de duas obras lexicográficas hispano-americanas em comparação: *Diccionario del español del Uruguay* (2011) e *Diccionario de la lengua española* (2014) e, a partir de suas análises, nos mostra que os sentidos formulados no primeiro são atravessados pelo segundo, resultando numa rede de memória e de sentidos que se atravessam na constituição da definição lexicográfica e na formação discursiva do *Diccionario del español del Uruguay*.

Janys Ballejos, em *Uma análise discursiva sobre o lugar do dicionário na produção de sentidos: o que é família?*, debruça-se sobre os efeitos de sentidos produzidos para o verbeito *família* em três edições do dicionário *Aurélio* (1975; 1986; 2001) e em duas do *Houaiss* (2001;

2015), num gesto interpretativo que traz para o centro da discussão as formas de significação e ressignificação da língua, demonstrando como o dicionário também funciona como um lugar de identidade de um povo, uma vez que os verbetes nele contidos, produzem, pela historicidade, uma identidade linguística, destacando a importância da renovação do dicionário.

Elivélton Assis Krümmel, em *Laços significantes: a polissemia de 'sobrevivente' no entremeio da história e da memória*, aborda a designação *sobrevivente* no/pelo discurso jornalístico. Sua análise se delinea a partir do “percurso da história da palavra ‘sobrevivente’, considerados os processos históricos, a construção de uma memória sobre a palavra, o processo polissêmico e a produção de sentidos”. Assim, relacionando memória e história, teoria e análise, Krümmel aponta para um duplo: a história institucionalizada sobre o Holocausto e a memória construída em relação a esse fato, sinalizando para o movimento dos sentidos que se desdobram em paráfrase e polissemia. Nesse processo, de acordo com o autor, há deslocamentos e repetição, rupturas e diferentes modos de significação – há, portanto, sempre um retorno, “à pessoa, à coisa, à imagem da coisa, àquilo que não se pode acessar” (KRÜMMEL, 2020, p. 173).

Caroline Lopes Knackfuss traz em seu texto intitulado *Os sentidos são sempre outros: uma necessária leitura de instrumentos linguísticos para refletir sobre o arquivo*, uma relação entre a Análise de Discurso e a Arquivologia e põe em questão a noção de arquivo e suas designações enquanto verbete. Logo, para a autora, os verbetes *fundo* e *memória* apontam para o verbe *arquivo* como um lugar de entremeio e, para melhor conduzir suas reflexões, organiza seu *corpus* a partir do *Dicionário Houaiss* e o *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística* (DBTA). Suas reflexões apontam para a necessidade de se “pôr em estado de espera” a noção de arquivo advinda da arquivística, uma vez que não se trata de trocar um sentido pelo outro, mas de construir um novo gesto de leitura e tratamento do arquivo, questão ainda em aberto, segundo a autora.

A última parte da obra, *As palavras no(s) dicionário (s)*, é constituída por cinco textos nos quais são pensados os diferentes modos de significar a língua, considerando o funcionamento dos verbetes *conhecimento*, *mulher*, *deficiência*, *censura* e o par *corrupção* e *propina*. Os autores produzem gestos de leitura e interpretação que

conduzem o leitor à reflexão e compreensão dos dicionários não só como instrumentos linguísticos, mas como lugares de observação da língua em seu funcionamento, atravessado pelo político e pelo simbólico, produzindo sentidos numa relação dentro/fora do dicionário.

O primeiro texto, de autoria de Kelly Fernanda Guasso da Silva, intitulado '*Conhecimento*': *na língua, no dicionário, no discurso*, aborda o funcionamento das palavras *conhecimento* e *connaissance* a partir de recortes do *Dicionário Aurélio* (1975) e no *Petit Robert* ([1967] 1990), produzindo uma reflexão “sobre o que as definições mobilizam e o que elas imobilizam na relação do sujeito com a língua via instrumento linguístico” (GUASSO, 2020, p. 194). Tomando o dicionário como um espaço tradicional de referência, Guasso (2020) traz à baila uma análise de como se dá o trajeto de leitura nessa materialidade, considerando as repetições/reiteraões, as quais sinalizam para a contradição – tanto na descrição de uma “só palavra, em uma mesma língua”, bem como na “transposição de palavras de uma língua para outra”, na tradução.

Em *Os sentidos da palavra mulher em dicionários de diferentes momentos sócio-históricos*, Ana Paula Correa, Andressa Brenner Fernandes e Fidah Mohamad Harb, fazem uma incursão em diferentes dicionários, em momentos distintos, mobilizando os movimentos de sentido que são produzidos acerca do verbete *mulher*. Trazendo à lume a invisibilidade da mulher na história e considerando a produção de sentidos sobre o corpo feminino como partes da construção do imaginário que “determina transformações nas relações sociais e constrói práticas” (2020, p. 222), as autoras apresentam em suas análises as definições de *mulher* de acordo com o discurso biológico, com o discurso jurídico e, por fim, com um discurso que as consideram em suas posições ocupadas na sociedade. Logo, afirmam que as repetições, bem como os deslocamentos se dão pela paráfrase e pela atualização dos sentidos, envolvendo o verbete *mulher* em redes de sentidos que não têm fronteiras ou limites, mas que sempre estão à deriva.

Andressa Marchesan, em *A palavra deficiência: movência de sentidos em dicionários e na prática social*, apresenta os modos como se dão os possíveis trajetos de sentidos da palavra *deficiência* em três dicionários distintos. Para tanto, Marchesan organiza sua análise considerando a palavra na história, em seus movimentos de retomadas,

mostrando como se dão esses trajetos de sentido. Por fim, considera que a palavra *deficiência* tem, nos dicionários, os índices de remissão a palavras outras como: defeito, falta, imperfeição, deformidade – que funcionam como acepções contrárias ao “normal” e que, por esse funcionamento, atestam para a quebra dos padrões considerados ideais. São, portanto, sentidos vários e que não estão presos à palavra, mas imbricados em um determinado momento sócio-histórico e podem, como sentido, deslocar-se.

Janys Ballejos e Isabela Brossi trazem em *O verbete censura em dicionários brasileiros dos anos 1970: uma leitura discursiva sobre sua significação* uma abordagem quanto à leitura discursiva de dicionários enlaçada com as respectivas condições de produção, com a memória e com outros dizeres que estão no entorno dessas materialidades. Para as autoras, esse trajeto se faz necessário para a compreensão de efeitos de sentido produzidos, indo além do nível linguístico. Os dicionários selecionados foram dois exemplares utilizados no período ditatorial: o *Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa* (CALDAS-AULETE, 1974) e o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1975). Nesses, considerados objetos linguísticos, são observadas as práticas sociais do período ditatorial. Considerando os anos de 1970 como parte das condições de produção desses dicionários, as autoras buscam, em suas análises, a consonância entre as definições, apontando para os ditos e não ditos, bem como as semelhanças e os dizeres outros que perpassam a produção de sentido acerca do verbete *censura*. As autoras refletem, a partir da relação *censura/dignidade/pena eclesiástica*, como “aquele que praticava a censura, era digno de o fazer [...], aquele que tinha o cargo de dignidade concebido” (BALLEJOS; BROSSI, 2020, p. 265), ou ainda, como a *censura* significa e se relaciona com um discurso religioso – na repreensão a determinados comportamentos. *Censura*, de acordo com as autoras, não se dá apenas no período ditatorial, até mesmo em um sistema político-democrático.

Cassius Severo Pazinato e Evelise Pereira da Silva, no texto intitulado *Um percurso de sentidos no pequeno dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: uma análise dos verbetes corrupção e propina*, buscam compreender o percurso de sentidos que se estabelecem no *Pequeno Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, uma vez que os verbetes *corrupção* e *propina* circulam e repercutem no âmbito social,

nas atuais condições de produção. Desestabilizando o efeito de neutralidade, que reproduz a ideia de que o dicionário comporta todas as palavras e sentidos, os autores trazem em suas análises a regularidade como um dos movimentos que organizam o gesto interpretativo acerca dos referidos verbetes. Num efeito de finalização, apontam para o funcionamento do dicionário como “um instrumento de identificação da língua e do sujeito, como espaço-tempo de produção e reprodução de um imaginário” (PAZINATO; SILVA, 2020, p. 281), e é, por esse viés, um veículo supostamente neutro e objetivo, já que os sentidos são retomados, repetidos, porém, ideologicamente comprometidos.

Ao final da obra, o leitor é agraciado por um *Posfácio ou sobre dar dicionários de presente* em que Verli Petri relata sobre sua relação com o dicionário e o modo como ele entrou em sua vida e em sua história. Um relato cheio de ternura e reminiscência marcado por eventos e nomes que foram constitutivos para a sua formação pessoal e acadêmica em que o dicionário como presente se fez objeto de estudo, se fez tempo sempre presente, latência de futuro e retorno ao passado, à história das palavras, aos sentidos. A autora desconstrói a imagem social do dicionário como lugar da completude, da certeza, da seriedade, da complexidade e significa-o como a “caixinha mágica, cheia de surpresas, que contém muitas palavras de uma língua” e ele se transforma, então, num mundo de possibilidades, de significados e re-significações. Um mundo inteirinho que pode ser oferecido ao outro, compartilhado e explorado, representado na capa da obra pela tela de Renoir: “Duas meninas lendo”. Desse modo, o posfácio instala um novo começo, é um convite às novas descobertas, à uma leitura que não se finda, que não se deixa acabar. Incompletude dos sentidos, do dicionário. História que se entrelaça e desdobra-se, que perscruta a vivência, a experiência e o contato sempre deslizante, furtivo e faltoso com o discursivo.

Algumas das descobertas dessa “caixinha mágica” são reveladas nessa obra dedicada ao jovem pesquisador, bem como aos demais interessados nos estudos da língua, do discurso, dos sentidos. A obra mostra diferentes modos de entrada no mundo mágico de palavras e sentidos que é o dicionário.

Referência

PETRI, Verli; GUASSO, Kelly; COSTA, Thaís; FREITAS, Francine de. (Orgs.). *Dicionários em análise: palavra, língua, discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

Notas

* Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora na rede estadual de educação - Secretaria Estadual de Educação (SEED/PR).

** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é professora colaboradora lotada no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro).